

No final do ano 2019 as notícias começam a reportar a existência de um vírus potencialmente mortal em Wuhan, a maior cidade da província de Hubei na China. Em Fevereiro de 2020 o vírus é baptizado, seguindo as normas científicas, de *SARS-CoV-2*. Um vírus mais desolador que uma tempestade merecia um nome menos desinspirado, mas é este que faz com que toda a população mundial — quase 8 bilhões de pessoas — se junte num evento a que chamamos «pandemia».

A 2 de Março de 2020 confirma-se o primeiro caso de infecção em Portugal, e seguem-se rapidamente os seguintes. Inicia-se assim uma obsessão pelos números: contágios, internados, mortes. E mais tarde chegam outros números: isolados, recuperados, vacinados.

Tentando evitar que o vírus, também conhecido como «novo coronavírus», se espalhe de modo catastrófico, muitos decidem isolar-se em casa, evitando contactos e contágios. É nesta altura, a dias de ser decretado o primeiro confinamento em Portugal, e prevendo o impacto do mesmo, que começa a nascer este livro.

Nestas páginas, duas dezenas de pessoas descrevem oito dias das suas vidas durante a pandemia. O livro divide-se em duas partes: o primeiro momento reúne textos escritos entre Março e Maio de 2020, apanhando o primeiro embate; o segundo momento reúne textos escritos entre Novembro de 2020 e Janeiro de 2021, altura em que a vacina desenvolvida para o combate à doença provocada pelo vírus começa a ser distribuída. Ao longo dos vários registos diários, tropeçamos em títulos de notícias que fizeram capa do jornal Público durante este período.

Este é um documento que retrata o ano que ficou marcado pela fragilidade do corpo humano e pelas assimetrias socioeconómicas do mundo em que vivemos, e é sobretudo uma compilação de histórias íntimas e de episódios quotidianos vividos por duas dezenas de pessoas.

Joana Bernardo

13 de Março de 2020

Oiço a Ella a cantar o *Manhattan* umas 11 vezes seguidas e algures no meio deste *loop* exclamo para o piso de cima: «E quando ouvimos esta canção mesmo em Manhattan, a olhar pela janela do hotel, lembras-te?»

A minha filha responde-me lá de cima: «simmmmmm, foi tão bonito.»

Agora se lá quiséssemos voltar não podíamos, devido ao bloqueio imposto. Nenhum europeu pode entrar nos Estados Unidos, anunciou *The Donald* há dois dias, precisamente na mesma altura em que Tom Hanks fez saber que tem coronavírus. «Vamos contrair todos isto e depois vai passar», tenho repetido eu, mas há uns minutos disse-o a um amigo que tem o pai doente com problemas respiratórios. O pai dele não pode mesmo apanhar isto. Há muito que os meus mais velhos me morreram e apercebo-me de repente do meu egoísmo. Afundo-me como um pedregulho. Nos últimos anos coloco os seres humanos pós-sexagenários do lado do inimigo com demasiada facilidade, aqueles que já não querem saber que o planeta esteja em chamas e que votam nos racistas e homofóbicos e, por vezes, esqueço-me dos bons.

14 de Março de 2020

Acordei com uma forte dor de cabeça e o telefone cheio de mensagens. Bebi demais ontem e enviei inúmeras cartas digitais de amor no meio daquele nevoeiro induzido em que me consigo finalmente sentir mais próximo dos outros. Este apocalipse deixa-nos mais próximos da verdade. Quando quase morremos, sentimo-nos vivos como nunca. Estudei esta matéria com afinco na adolescência, ao atravessar o divórcio dos meus pais. Combatia as minhas incertezas com acrobacias idiotas, como pendurar-me no exterior de um oitavo andar só com um braço, apanhar autocarros em andamento, sentar-me em tábuas no topo de edifícios em obras do lado de fora, saltar de colinas às escuras sem saber se havia chão, provocar grupos de *skinheads* sozinho, saltar de veículos em movimento para a estrada, etc., etc.

Fiz tudo isso e estou aqui. Foi preciso ser pai e passar dos trinta para sentir o meu primeiro medo: foi na lenta e entediante roda gigante da Feira Popular. De repente, o mundo era mais do que só uma coisa minha e isso fez de mim um medricas. Precioso, talvez seja uma melhor palavra.

Entre as mensagens desta manhã, transcrevo a troca com a minha amiga Chantal, californiana a morar há uns anos na Cidade do México:

P — Just hang in there and we get this.

C — I know. I'm scared. B. is in LA, I'm in Mexico City.

P — Had so much friends come from Mx City lately telling me I should live there, some boroughs are so European. Anyway, no time to Monocle talk right now. I think we needed this wake-up call, our generation. This will make us arrange superior music, fall in love harder.

C — I agree entirely, we needed a shift. And yes to Mexico City, I love it.

P — Wait are u guys separated by the travel ban?

C — Hahah nooo we are not together! For a few years now.

Pensava que estavam juntos, eles. Descobrir a separação de dois amigos via fecho das fronteiras diz muito de como por vezes nos escapa a verdade que importa daqueles de quem gostamos.

À noite, a Catarina enviou-me uma gravação à capela a cantar *O Que Foi Feito Deverá*, do Milton (à maneira da Elis), e aquilo encheu-me de vontades e de fazer possíveis os impossíveis. Respondi-lhe que devia abrir o seu primeiro disco (de que andamos a falar há anos) assim mesmo, à capela, com o som das obras ao fundo. Pensei na abertura do *In A Bar Under The Sea*, dos dEUS, com a gravação escarafunchada de *I Don't Mind Whatever Happens*. Há tanta coragem em abrir um disco com um retrato honesto da nossa mais íntima imperfeição que, de seguida, tudo é glória e trilho de rosas.

15 de Março de 2020

Passo estes dias no *bunker* com a minha filha Maria Inês. Ouvimos música bem alto, vemos filmes de terror, desenhamos constantemente. Cozinhamos. Dançamos, jogamos micado, fazemos vozes ridículas e não sentimos a paranóia. Ainda é só o início, para já apenas equivalente a um fim-de-semana preguiçoso. Ela não terá aulas tão cedo, na minha cabeça imagino que não vai haver mais escola este ano. Fala-se em dezoito meses para termos acesso a uma possível vacina contra o vírus. Fala-se de muita coisa e nada é certo. Recebeu hoje um e-mail da professora directora de turma com acesso a várias pastas onde irá receber, ao longos destes meses, a matéria das várias disciplinas, online.

Ao mesmo tempo, continuo a ensinar-lhe acordes na *Stratocaster* cor-de-rosa que era minha e que lhe passei no último Natal, munida de amplificador

e pedal de distorção. Ainda lhe é difícil calcar as cordas, mas já fixou a posição dos dedos dos *power chords* básicos com que se fizeram todos os discos dos Ramones.

Por vezes precisamos de espaço um do outro. Hoje refugiou-se nas séries de anime *Haikyū* (sobre voleibol) e *Assassination Classroom* (apesar do título medonho não é tão violento como soa) e ao mesmo tempo, no piso de baixo, eu relia livros de outros anos: Rabindranath Tagore, W.H. Auden, Lydia Davis. Voltei a pegar na biografia do Buñuel. Aquele início em que ele confessa a ansiedade com os seus pequenos lapsos de memória, tendo assistido à demência da mãe, fez-me pensar nas minhas constantes falhas e esquecimentos. Porque será que em criança nos diziam sempre que o queijo nos dava cabo da memória? Tenho sempre demasiado queijo no frigorífico. Paranóia.

Cantei a *Fools Rush In* em karaoke e publiquei no meu Instagram. A minha versão preferida é a do pai do Vincent Gallo no *Buffalo 66*, num *playback* perfeito do Ben Gazzara. Nem a Doris Day nem o Sinatra lhe chegam aos pés. «*That's lovely!*», comentou o meu herói/amigo Tom Barman (ainda ontem falava dos dEUS) e «tu cantas bem?! *What?*» exclamou a Carolina. Soube-me bem ler aquilo. Acho que mais ninguém ouviu. Agora que o mundo está a acabar, tenho de cantar mais.

Fizemos um balde grande de pipocas e vimos o *Kramer Contra Kramer*. Chorei, como choro sempre, e abraçámo-nos no fim, amparados pelo Vivaldi da banda-sonora do filme.

Antes de dormir, dose de realidade com o debate em directo de Joe Biden e Bernie Sanders. Biden está cada vez mais confiante e Bernie cansado, tendo sido mais uma vez tramado pelo próprio partido. Avançando Biden contra Trump, será devorado no jogo televisivo. Mesmo num milagre de Biden conseguir a Casa Branca, o plano ambiental dele é muito menos ambicioso do que aquele que Bernie aplicaria. Agarro-me ao crachá de Bernie que comprei durante a campanha, em 2016, como se fosse um terço. Lá em baixo, a minha filha toca piano baixinho. Adormeço com a CNN ligada.

16 de Março de 2020

O meu ganha-pão principal é a minha voz, gravando publicidade. Nesta altura os estúdios estão a arranjar forma de prosseguir com o trabalho a partir de casa, sem ter de abrir as portas. A maior parte dos sonoplastas

tem equipamento de produção e edição em casa, basta ao locutor gravar por si a voz e enviar por e-mail. Comprei há uns anos um microfone que me salva em situações de emergência, mas nos últimos meses emprestei-o à minha filha Maria Inês para ela fazer as brincadeiras sónicas dela. Naturalmente, o microfone está em casa da mãe, Inês Maria. Isso fez com que saísse pela primeira vez de casa.

Enchi os pneus da bicicleta, peguei na mochila e lá fui eu enfrentar o diabólico Mundo Exterior. Cheguei rapidamente à Avenida da Igreja sem me cruzar com ninguém, avistando apenas algumas máscaras ao longe. A Inês foi de luvas e máscara à varanda e atirou-me o saco com o microfone, que consegui apanhar no ar sem que caísse na relva. Pedalei de volta a casa, fazendo a maior parte do trajecto sem avistar viva alma. Na Avenida das Forças Armadas entro numa zona com relva e uma senhora mais velha tropeça numa raiz de uma árvore poucos metros à minha frente, estatelando-se na terra sem se conseguir levantar. Parei e tentei ajudá-la, tocando-lhe no braço. Não se conseguia levantar e começou a chorar, querendo ficar um pouco mais no chão. Chega outra pessoa que assistiu à queda e não pára de falar. Na minha cabeça o constante pensamento de que todo o trabalho dos últimos dias para evitar o contágio tinha ido para o lixo em poucos segundos, mas claro que não poderia deixar de ajudar a senhora a levantar-se. Finalmente fizemos os três força e ela conseguiu manter-se em pé. Toquei-lhe no braço apenas. Perguntei-lhe se estava capaz de ir para casa, respondeu que morava já ali ao lado. Pegou na carteira e começou a caminhar, e eu disparei na minha bicicleta. Toquei-lhe no braço apenas, mas é suficiente para estar contaminado. Paranóia. Dois minutos depois vi-me forçado a entrar num túnel de passagem de peões. Ao entrar, oiço vozes estrangeiras. Acelero o mais rápido possível, não respirando nunca e afastando-me ao máximo. Passo por eles, dois adolescentes sem máscaras a falar sem parar. Ao sair do túnel apercebo-me de que falavam italiano. A Itália é o maior foco de infecção da Europa e está paralisada há semanas. Paranóia.

Chego a casa e desinfecto tudo o melhor que sei, mas na verdade não sei nada de nada. A minha filha assustou-se um pouco pela primeira vez, sentindo o meu pânico e cansaço. Fiz-lhe uma sopa. Já passou. Mas é incontável e não quero sentir isto novamente.

17 de Março de 2020

Um dia dividido entre gravações e regravações e e-mails de trabalho. O agente de um DJ que estava já programado para Maio no Solário (tardes que organizo no terraço do Lux) pergunta-me se já não vai acontecer. É óbvio que não, nada vai acontecer até depois do Verão. Enfim, é outro e-mail a que terei de responder.

A Maria Inês desenha sem parar. Resgatamos uma caixa com muitos livros dela, aos quais não deu a devida atenção e que estavam esquecidos. Empilhamo-los na mesa da sala, para serem amados como merecem. Canto a *Femme Fatale* e a *I'll Be Your Mirror*, dos Velvet Underground, em *karaoke*, no nosso ecrã gigante. Rimos muito.

18 de Março de 2020

Uma das recomendações que muito escutamos na prevenção do vírus é que devemos beber água de quinze em quinze minutos, pois ao hidratarmos a boca e a garganta estamos a enviar a potencial ameaça para o estômago, onde os ácidos conseguem destruí-lo. O meu garrafão de seis litros de água *Fastio* está a dar as últimas e ultimamente tenho sentido um cheiro muito forte a amoníaco na água da torneira. Tenho pouco pão também, e a pasta de dentes e o sabonete estão a acabar. Em breve terei de voltar a uma loja de conveniência. O presidente declara estado de emergência, o que significa barreiras policiais nas ruas, poderes reforçados das autoridades. Se há coisa que nunca se deve fazer é dar mais poder à nossa polícia.

No *karaoke* continuo a entoar canções cantadas pela Nico: *These Days* e *Fairest Of The Seasons*. Tento encontrar a *Alice* do Tom Waits, mas há apenas uma versão instrumental ao piano. Vou buscar as letras no livrete do disco e passo horas a cantá-la até saber a letra de cor.

It's dreamy weather we're on
You wave your crooked wand
Along an icy pond
With a frozen moon
A murder of silhouette crows I saw...
And the tears on my face
And the skates on the pond they spell Alice

I'll disappear in your name
But you must wait for me
Somewhere across the sea
There's the wreck of a ship
Your hair is like meadow grass on the tide
And the raindrops on my window
And the ice in my drink
Baby, all that I can think of is Alice

Arithmetic arithmetock
I turn the hands back on the clock
How does the ocean rock the boat
How did the razor find my throat
The only strings that hold me here
Are tangled up around the pier

And so a secret kiss
Brings madness with the bliss
And I will think of this
When I'm dead in my grave
Set me adrift and I'm lost over there
But I must be insane
To go skating on your name
And by tracing it twice
I fell through the ice of Alice

Revejo o *Grey Gardens* com muitas interrupções ao longo do dia. Continua sufocante como da primeira vez. A relação daquelas mãe e filha, completamente isoladas do mundo numa mansão em decadência nas East Hamptons, infestada de pulgas e guaxinins. Um retrato cinzento dos privilegiados caídos em desgraça, cheio de arrependimentos, que não me fez nada bem à cabeça. Sinto paralelos com uma certa amargura corrosiva de muitas personagens aristocráticas da minha infância, na casa grande da Estrela. Adormeço, sabendo que não quero voltar a esses sítios.

**Portugal
em estado
de emergência
Costa e Marcelo:
“Não é uma
interrupção
da democracia”**

19/03/2020

19 de Março de 2020

Dia do Pai. Acordo com uma dor persistente do lado esquerdo do pescoço.

Não vou estar com a Maria Inês hoje, e lembro-me dos Dias do Pai que passei em trabalho nos Estados Unidos com ela em Lisboa, vários anos seguidos. E isso levou-me a ter saudades do *apple strudel* da Neue Gallery, junto ao Central Park, que comemos em conjunto no mês de Agosto.

Abro as janelas bem abertas e encho a casa com as missas do Haydn, o volume bem alto. O sol brilha forte, e é um dia glorioso.

Preparo a minha mistura diária matinal: vitamina C com curcuma e açaí num copo grande. Penso que talvez hoje seja inadiável deslocar-me à loja de conveniência. Água, vinho, *whisky*, *gin*, pasta de dentes, feijão. Pasta de dentes é o mais urgente pois já se torna árduo espremer aquele tubinho. Consigo comprar isto tudo lá. O pão é que é mais complicado, terei de ir a dois sítios, portanto. A Inês deu-me uma máscara, será que a uso hoje finalmente? Como faço as compras sem tocar em nada, nem no homem da loja? Levo luvas? E o espaço é apertado. Se entrar alguém completamente desprotegido enquanto eu lá estiver? Digo-lhe que saia e que só entre quando eu sair? Não devia falar sequer. Penso que ainda tenho pão para dois dias, água posso beber da torneira, ignorando o travo a amoníaco. Tenho ainda meia garrafa de *Tanqueray*, uma de *Herdade Grous* tinto, uma de *Papa Figos* branco e um *Mezcal* demasiado bom que o Rai me ofereceu nos anos. Os dias são estupidamente confusos para pensar em sobriedade.

Li algures que o Fats Navarro dava cabo do Miles e fui investigá-lo. Não sei se aniquila o Miles, mas tem um *swing* tão especial e livre que passei quase o dia inteiro a ouvi-lo.

Revi o *Sombras & Nevoeiro*, da fase bergmaniana do Woody Allen, mas confirmo o mesmo que sentia quando o via na minha adolescente cassette VHS: a fogueira das vaidades daquele *casting* acaba por manchar o resultado, e a Madonna a tentar representar também não ajuda nada. Fiquei com saudades do *Another Woman*, o melhor dele desta fase, mas não sei a quem emprestei esse DVD. A Gena entra-me na cabeça e vou ter de me atirar ao *Love Streams* hoje pela milionésima vez, mas ainda quero dar atenção ao *All That Jazz* que recebi há dias no correio, é a edição da Criterion Collection. Na minha cabeça, esse filme estava sempre a dar na RTP nos anos 80. Esse e o *Victor Victoria*. E muita Liza Minelli. Havia um sério fã de musicais na programação cinéfila estatal durante esses tempos.

A Lúcia pergunta-me pelo meu ânimo e diz-me que tem uns casacos do Manel Reis para mim, que as cores têm a ver comigo. Fico a pensar que cores serão as minhas aos olhos dos outros.

Entretanto, decido comprar as minhas mercearias online.

Falei com a Joana V. sobre os *Lunch Poems* do Frank O'Hara, em particular *The Day Lady Died*.

Por isso, as últimas horas entreguei-as à Billie Holiday. *What A Little Moonlight Can Do*.

20 de Março de 2020

Pela primeira vez, registaram-se ontem zero casos novos em Wuhan, epicentro da epidemia. Declarações do governo chinês nunca inspiram confiança, mas tento focar-me neste leve raio de esperança. Leio também a notícia de que no meio disto tudo o negócio dos cinemas *drive-in*, há muito abandonados, tem vindo a aumentar nos últimos dias. Mais uma vez o apocalipse a proporcionar romance.

O desaparecimento da pasta de dentes torna inevitável a saída à rua em busca de mantimentos.

Saio de máscara e luvas e vou até à loja de conveniência. Mal entro, o funcionário coloca a sua máscara e vou passando para cima do pequeno balcão as coisas de que preciso. Compró pasta de dentes *Colgate*, dois sabonetes *Dove*, champô *Johnson & Johnson*. Marcas que nunca compraria no meu dia-a-dia pré-*bunker*, mas não são dias para esquisitices. Guardanapos, atum, milho para pipocas, três garrafas de *Papa Figos* e uma de *Jack Daniels*, o *whisky* preferido do Sinatra. Um garrafão de cinco litros de água *Penacova* (já não há *Fastio*) e um sumo *tutti-frutti* da *Compal* para a Maria Inês. Comprei de um litro em vez de pacotinhos pequenos pois em conversa com ela, há dias, percebemos que sempre se usava menos plástico desta forma. O senhor faz-me desconto em todos os produtos. Falamos sempre em inglês. Senti-nos mais próximos neste processo, mas continuo sem saber o nome dele.

Na caixa do correio tinha dois DVD à minha espera, *Un Chien Andalou* e *Vestida Para Matar*. Desinfecto tudo e coloco os filmes na pilha dos que estão por ver.

Vejo o concerto do Tomás em directo no Instagram. Embora não apareça na imagem, sorrio ao perceber que a gestão das luzes de fundo

é da namorada, Marie, que partilha quarentena com ele e ainda com o pachorrento cão *Emílio*, que responde apenas a comandos em alemão.

Instalo o Mubi e a HBO. Vejo as primeiras três temporadas da série *Girls* de rajada, a conselho da Joana B. Tentei ver esta série na altura em que era novidade, mas estava tão envolvido numa fase Fassbinder que achei aquilo tudo muito frívolo, uma espécie de *Sexo e a Cidade Next Generation*. Mas não. Há uma parte ali que é um pouco isso, mas com uma escrita bem superior e uma lente realista em que não tinha reparado na minha fugaz incursão há uns largos anos. Desta vez mergulhei nisto a fundo como uma viagem no tempo aos meus próprios vinte anos. Hannah, a personagem principal, faz-me lembrar muito a minha namorada Ana do final dos anos 1990 e reencontro muita coisa dessa fase na relação dela com o Adam, que começa por ser uma personagem execrável para se revelar um dos mais puros da série. Dois corações de artista a tentarem encontrar um lugar possível na realidade e a fazer essa viagem em conjunto, amparando as quedas um do outro. Penso muito nas escolhas que eu e a Ana fizemos naquela altura e como será sempre uma das pessoas mais importantes da minha vida, por mais que nos tenhamos distanciado. Penso nos amigos que nunca mais vimos e nas festas que fazíamos e nas nossas discussões de vida ou morte e de como nos afastámos quando ela foi para Berlim e em como conseguimos voltar a ser amigos à prova de bala, anos depois, nessa mesma cidade. Quando se ama a sério uma vez, ama-se sempre.